

Primeiro Amor

JAMES PATTERSON

e Emily Raymond

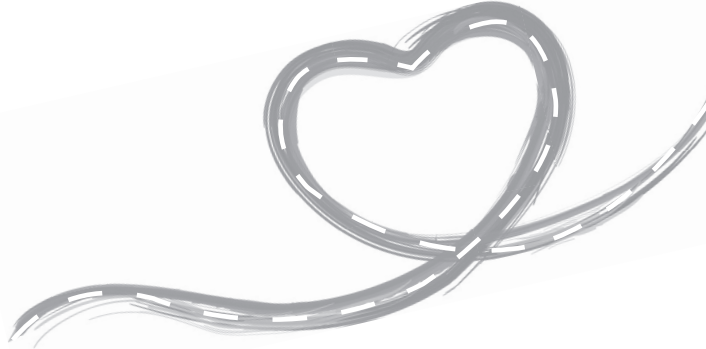
Tradução

Elaine Cristina Albino de Oliveira



Prólogo

Um



Ok, posso não estar causando boa impressão ao admitir isso, mas me deixe dizer logo de cara que eu era muito careta, tão certinha que matar as duas últimas aulas do dia (física avançada e inglês avançado) me deixou tão ridícula e loucamente apavorada que chegou a passar pela minha cabeça que aquele plano maluco não valeria a pena.

Quando penso nisso hoje, mal posso acreditar que estive tão perto de desistir da mais bela, mais engraçada, mais dolorosa e mais extraordinária experiência que terei por toda a vida.

Que idiota eu era.

Eu estava no Ernie's e sentia um enorme frio na barriga. As pontas das minhas botas country batiam incessantemente no balcão, até que Ernie – que tem cerca um milhão de anos de idade e é, basicamente, um resmungão – me pediu para parar. Mas Ernie está a um show do Nickelback de distância da surdez completa, então tirei as botas e continuei batendo com o pé no balcão.

Eu estava contente por ele não ter perguntado por que eu estava sentada em sua lanchonete antiquada, tomando um café gigantesco (do qual eu precisava tanto quanto precisava de um buraco para enfiar a cabeça), em vez de estar a dois quarteirões dali, no Colégio Klamath Falls, ouvindo o Sr. Fox tagarelar sobre o espaço-tempo contínuo. O que eu teria dito?

Bem, Ernie — quero dizer, Sr. Holman —, estou esperando um garoto com quem eu nunca poderia namorar e prestes a pedir que ele faça algo tão espantoso que irá salvar nossas vidas ou nos destruir completamente.

Ernie não se importava muito com dramas adolescentes, e é provavelmente por isso que ninguém que eu conhecia frequentava seu estabelecimento — isso e o fato de seus doces serem empoeirados e as barras de Snickers, tão duras que podiam ser usadas como pés de cabra.

Mas eu não me importo. O garoto que eu mencionei também não. Ernie's é o nosso lugar.

Esse mesmo garoto me enviara um recado naquele dia. De algum modo ele conseguiu acesso a meu armário, mesmo não frequentando mais minha escola, e mesmo que tivéssemos um sistema de segurança do nível dos SEALs da Marinha — para nos proteger sabe-se lá de quê (rebeliões contra o tédio de cidades pequenas, talvez).

Axi,

Então você tem novidades que vão abalar o mundo, é? Estou chocado por você pensar que pode me surpreender - ou surpreso por você pensar que pode me chocar. Ou algo assim. Você é a nerd das palavras. Bem, de qualquer modo, mal posso esperar para saber das novidades.

Me encontre no Ernie's. À 1:15. Sim, isso significa matar aula. Sem desculpas.

Seu "Patife" preferido

Esse é Robinson. Eu o chamei de patife uma vez, de brincadeira, e ele nunca mais me deixou esquecer. Ele tem 17 anos. Meu melhor amigo. Meu parceiro no crime.

Ouvi a porta da frente se abrir e poderia afirmar que ele chegara apenas pelo modo como o rosto de Ernie começou a reluzir, como se alguém acabasse de lhe entregar um presente. Robinson tinha esse efeito sobre as pessoas: quando entrava em algum lugar, era como se, repentinamente, as luzes se tornassem mais brilhantes.

Ele se aproximou e colocou a mão sobre meu ombro.

— Axi, sua boba — ele disse (afetuosamente, claro). — Nunca beba o café do Ernie sem um donut. — Ele se aproximou ainda mais e sussurrou: — Aquilo vai abrir um buraco gigante em seu estômago.

Então ele se sentou no banquinho ao lado do meu, de pernas abertas, pernas magricelas em sua Levi's desbotada. Estava usando uma camisa de flanela, mesmo sendo fim de maio e fazendo 25°C lá fora.

— Ei, Ernie — ele chamou. — Você ouviu que os Timbers mandaram o técnico embora? Será que pode nos trazer um donut de chocolate?

Ernie se aproximou, balançando a cabeça grisalha.

— Futebol! — ele resmungou. — O que o Oregon precisa é de um time profissional de beisebol. Esse sim é um esporte de verdade. — Colocou o donut em um velho prato lascado. — Por conta da casa.

Robinson se virou para mim, sorrindo e apontado o polegar para Ernie.

— Eu amo esse cara.

Era óbvio que o sentimento era recíproco.

— E aí? — Robinson disse, me dando total atenção. — Qual é a ideia maluca? Finalmente vai aprender a dirigir? Decidiu tomar uma cerveja inteira? Vai deixar de fazer a lição de casa tão assiduamente?

Ele está sempre pegando no meu pé pelo fato de eu ser comportada. Robinson acha — e meu pai concorda — que é super-rebelde só porque abandonou a escola, um lugar que ele considera “insuficientemente cativante” e “habitado por cretinos” (cretinos foi uma palavra que eu ensinei a ele, claro). Pessoalmente, acho que faz sentido.

— Provavelmente vou reprovar em tudo, exceto inglês — eu disse, e não estava exagerando. A média de minhas notas estava prestes a desabar e, com um pouco de sorte, eu não estaria por perto para fazer os exames. Uma semana atrás isso não me deixaria dormir à noite. Mas consegui deixar de me preocupar porque, se meu plano funcionasse, a vida que eu conhecia estava prestes a mudar.

— Conhecendo você, isso soa altamente improvável — Robinson replicou. — E daí se você estiver um pouco distraída e, Deus nos

livre, tirar um B+ em alguma coisa? Você está muito ocupada escrevendo o *Grande Romance Americano*. Ai!

Dei um tapa no braço dele.

— Por favor! Entre estudar e tomar conta do meu querido e velho pai, não tenho tido tempo nenhum para escrever. — Meu pai entrara em uma fase ruim alguns anos antes e estava tentado encontrar a saída no fundo de uma garrafa desde então. Desnecessário dizer que sua estratégia não estava funcionando muito bem. — Podemos nos concentrar no que estamos discutindo agora? — perguntei.

— Que é...?

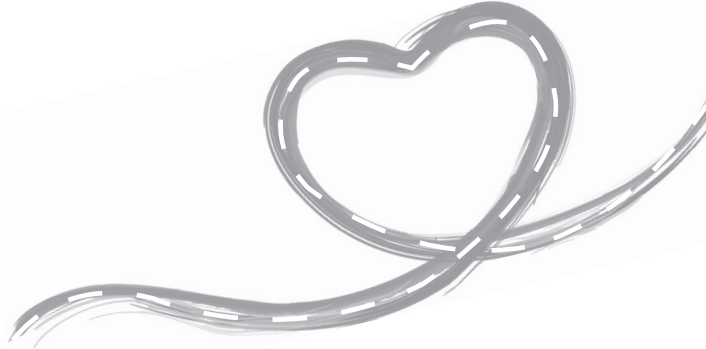
— Vou fugir de casa — anunciei.

O queixo de Robinson caiu. A propósito, ao contrário desta que vos fala, ele nunca precisou usar aparelho e seus dentes são perfeitos.

— E, para sua informação, você vai comigo — acrescentei.

Prólogo

Dois



— Você ouviu isso, Ernie? — Robinson gritou. Eu diria que ele parecia embasbacado, mas ele também nunca me deixaria esquecer dessa palavra.

Claro que Ernie não escutara nada, nem mesmo a pergunta de Robinson. Então, Robinson empurrou o prato com o donut e me encarou como se nunca houvesse me visto antes. Não consigo surpreendê-lo com frequência, por isso estava curtindo o momento.

— Você chegou a ler aquele livro que te dei, *On the Road*? — perguntei.

Agora Robinson ficou sem graça.

— Eu comecei...

Revirei os olhos. Sempre presenteio Robinson com livros e ele sempre me presentia com música, mas, considerando que ele se distrai facilmente e meu iPod morreu, isso é o máximo que fazemos.

— Bem, Sal, que é ninguém menos que Jack Kerouac, o autor, e seus amigos viajam pelo país inteiro. Eles conhecem pessoas doidas e dançam em botecos de quinta categoria, escalam montanhas e apostam em corridas de cavalo. Nós vamos fazer isso, Robinson. Vamos deixar este buraco para trás e embarcar em uma viagem inesquecível. Do Oregon para Nova York, com algumas paradas pelo caminho, é claro.

Robinson estava piscando. *Quem é você?* — suas piscadas perguntavam.

Eu me sentei mais ereta em meu banquinho.

— Primeiro nós vamos visitar as sequoias, porque elas são tipo místicas. Depois vamos conhecer São Francisco e Los Angeles. Vamos seguir para o leste, para as Grandes Dunas de Areia, no Colorado. Daí vamos visitar Detroit, que é a capital dos automóveis, Robinson, bem aquilo de que você gosta. E, então, só porque você é viciado em velocidade, vamos dar uma volta no Millenium Force, em Cedar Point. Chega tipo a 190 por hora! Vamos para Coney Island. Vamos ver o Templo de Dendur, no MET. Vamos fazer qualquer coisa e tudo que quisermos!

Eu sabia que estava parecendo uma louca, então abri o mapa amassado para lhe mostrar como eu decidira tudo.

— Esta é nossa rota — expliquei. — Esta linha lilás somos nós.

— Nós — ele repetiu. Ele claramente estava demorando para compreender minha proposta.

— Nós. Você tem que vir — ordenei. — Não posso fazer isso sem você.

Era verdade, muito mais do que eu poderia admitir para ele, ou para mim mesma.

Robinson de repente começou a gargalhar, e continuou rindo por tanto tempo que eu temia que aquele fosse seu modo de dizer: *De jeito nenhum. Você é uma pessoa completamente pirada que se parece com a Axi, mas com certeza é apenas alguma louca varrida.*

— Se você não vier, quem vai me lembrar de comer um donut com meu café? — continuei, ainda despreparada para ouvir uma palavra dele, fosse ela cética ou sarcástica. — Você sabe que eu tenho um péssimo senso de direção. E se eu me perder em Los Angeles, os cientologistas me encontrarem e, de repente, eu começar a acreditar em Xenu e em alienígenas? E seu eu ficar bêbada em Las Vegas e me casar com um estranho? Quem vai me cutucar quando eu começar a citar Shakespeare? Quem vai me proteger de tudo isso? Você não pode deixar uma garota de 16 anos atravessar o país sozinha. Isso seria, tipo, moralmente irresponsável.

Robinson levantou uma mão, ainda rindo.

— Eu posso ser um patife, mas não sou moralmente irresponsável. Finalmente o cara disse alguma coisa!

— Isso significa que você vem comigo? — perguntei, segurando o fôlego.

Robinson contemplou o teto. Ele estava me torturando e sabia disso. Pegou o prato e deu uma mordida pensativa em seu donut.

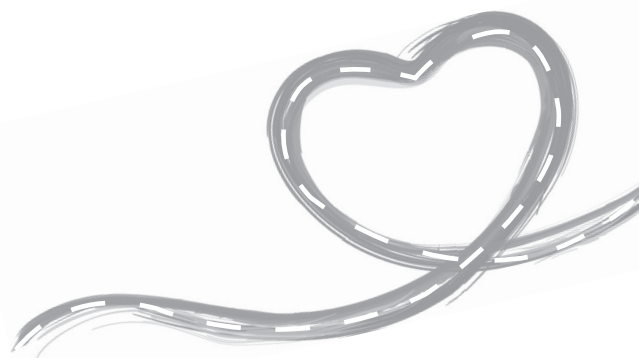
— Bem — ele começou.

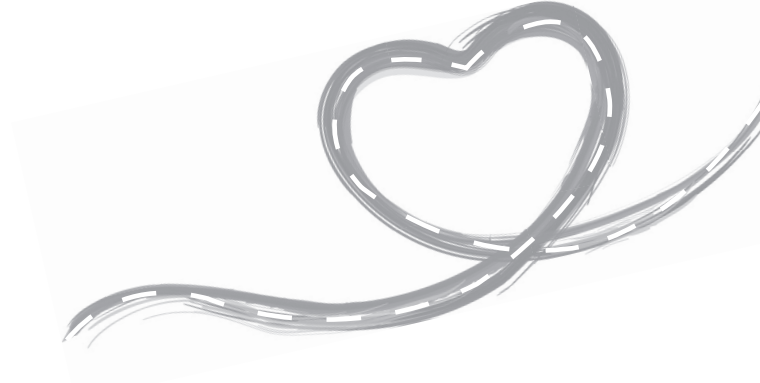
— Bem o quê? — Eu estava chutando o balcão outra vez. Forte.

Ele correu uma mão pelos cabelos, que eram escuros e sempre um pouco despenteados, mesmo quando ele acabava de cortar. Então, voltou-se para mim e me olhou nos olhos.

— Bem — ele disse, muito calmamente. — Claro que vou.

Parte
Um





Eram quatro e meia da manhã quando acordei e tirei a mochila de debaixo da cama. Passei as últimas noites obsessivamente acrescentando ou retirando coisas, me certificando de que tinha exatamente o que precisaria e nada mais: algumas trocas de roupa, o sabonete do Dr. Bronner¹ (serve como “creme de barbear, xampu, creme dental, creme de massagem e sabonete para banho”, de acordo com o rótulo), e um canivete suíço que peguei da gaveta da escrivaninha do meu pai. Uma câmera e, claro, meu diário, que levo comigo para todo lugar.

Ah! E mais de mil e quinhentos dólares em dinheiro, porque eu sou a melhor babá do bairro há cinco anos e cobro de acordo.

Talvez uma parte de mim sempre soubesse que eu iria partir. Quer dizer, por que eu não gastara meu dinheiro em um iPad ou em um vestido Vera Wang para a formatura, como as outras garotas de minha classe? Eu tinha aquele mapa dos Estados Unidos na parede do quarto há anos e costumava olhar para ele por horas, imaginando como seriam o Colorado, Utah, Michigan e Tennessee.

Não acredito que demorei tanto tempo para criar coragem. Afinal, eu vi minha mãe partir. Seis meses depois que minha irmã mais nova, Carole Ann, morreu, minha mãe enxugou seus olhos vermelhos e nos deixou. Voltou para o leste, onde foi criada, e, até onde sei, nunca olhou para trás.

¹ Marca de produtos para higiene pessoal de origem orgânica. (N.T.)

Talvez a compulsão por fugir seja genética. Minha mãe fugiu para escapar de sua dor. Meu pai usa o álcool para escapar. Agora é minha vez... e isso parece estranhamente certo. Depois de tanto tempo, quase consigo perdoar minha mãe por ter ido embora.

Vesti minha roupa de viagem e calcei os tênis — dando adeus às minhas botas favoritas — e coloquei a mochila nas costas, segurando apertado em suas alças. Eu sentiria saudades daquele apartamento, daquela cidade, daquela vida do mesmo modo como um ex-presidiário sente falta de sua cela na prisão, o que se resume a: Nem. Um. Pouco.

Meu pai estava dormindo no sofá horroroso da sala. O sofá tinha flores cor-de-rosa, e a cor agora parecia mais um marrom alaranjado, como se até mesmo as plantas de tecido pudessem morrer por negligência em nosso apartamento. Passei por ele e saí.

Meu pai emitiu um pequeno ronco, mas nem por isso se moveu. Nos últimos anos ele se acostumou a ver as pessoas partindo. Faria alguma diferença se outro membro da família Moore desaparecesse da vida dele?

No corredor, do lado de fora, eu parei. Pensei nele acordando e se arrastando até a cozinha para fazer café. Ele veria como a deixei limpa e ficaria grato de verdade, e talvez decidisse voltar para casa mais cedo do trabalho e fazer um jantar de família (ou um jantar para o que resta da família). Então ele esperaria por mim à mesa, do mesmo modo que esperei por ele tantas noites, até a comida esfriar.

Finalmente ele perceberia: eu havia partido.

Uma dor pesada se espalhou pelo meu peito. Me virei e voltei para dentro.

Meu pai estava deitado de costas, sua boca levemente aberta conforme respirava, os sapatos ainda nos pés. Estiquei a mão e toquei seu ombro levemente.

Ele não era um pai ruim, afinal de contas. Pagava o aluguel e a conta do mercado, mesmo sendo eu quem fazia compras. Quando conversávamos, o que não era frequente, ele perguntava sobre a escola e meus amigos. Eu sempre dizia que tudo estava ótimo, porque

o amava o bastante para mentir. Ele fazia o melhor que podia, mesmo que seu melhor não fosse muito bom.

Escrevi cerca de oitocentos rascunhos de um bilhete de despedida. A Súplica: *Por favor, tente entender, pai. Preciso fazer isso.* O Elogio: *Foram o seu amor e o seu cuidado comigo, pai, que me deram coragem para fazer essa viagem.* O Literário: *Assim como o grande roteirista irlandês George Bernard Shaw escreveu, “Viver não é encontrar a si mesmo. Viver é criar a si mesmo”. E eu quero criar a mim mesma, pai.* O Irritado: *Não se preocupe comigo. Sei cuidar de mim mesma. Afinal, faço isso desde que mamãe nos deixou.* No final, nenhum deles parecia certo e joguei tudo fora.

Me aproximei dele. Senti o cheiro da cerveja, do suor e de sua loção de barbear.

— Ah, pai — sussurrei.

Talvez uma pequena parte de mim esperasse que ele acordasse e me impedisse de ir. Uma pequena parte de mim, fraca, que queria ser uma garotinha outra vez, com uma família que não estivesse doente ou despedaçada. Mas isso certamente não iria acontecer, iria?

Então, beijei-o no rosto. E dessa vez fui embora pra valer.